



Sophia Moraes

Deu preto: dando cor aos currículos estudantis

PÁGINA 08

COMPORTAMENTO • PÁGINA 10
Nem Mário, nem Luigi:
agora são elas nos games

CULTURA • PÁGINA 13
Produção cultural
por amor à arte

PERFIL • PÁGINA 16
Tupinambá Babau
luta pela terra

PARA NÃO SE PERDER...

NEGÓCIOS – PÁG. 3
COWORKING EM SALVADOR

COMPORTAMENTO – PÁG. 4
IDOSOS GASTAM MAIS

COMPORTAMENTO – PÁG. 5
CÃES E GATOS GANHAM
CUIDADOS

COMPORTAMENTO – PÁG. 6
OS MUROS FALAM

CULTURA – PÁG. 8
MAIS ÁFRICA NA ESCOLA

COMPORTAMENTO – PÁG. 10
MULHERES GAMERS
NO COMANDO

ESPORTE – PÁG. 11
FAZENDO CROSSFIT

CIDADE – PÁG. 12
ABELHAS MUDAM
DE COMPORTAMENTO

CULTURA – PÁG. 13
PRODUÇÃO CULTURAL
EM PAUTA

CULTURA – PÁG. 14
FESTIVAL DE MÚSICA
LATINO-AMERICANA

CULTURA – PÁG. 15
SEMINÁRIO NACIONAL
MULHER E CULTURA

PERFIL – PÁG. 16
CACIQUE BABAU
DA SERRA DO PADEIRO

JORNAL DA FACOM

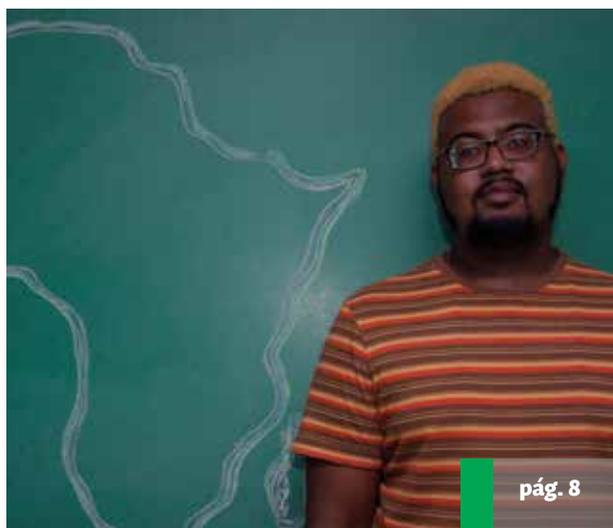
Jornal Laboratório da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia – Brasil

EXPEDIENTE

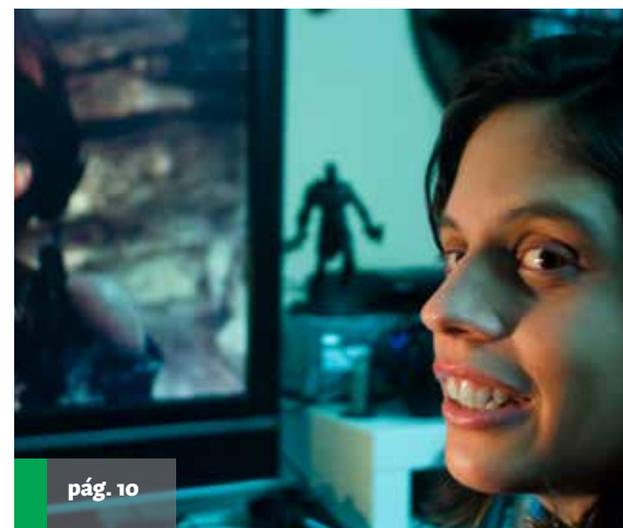
EDITORIAL

Nesta edição, o Jornal da Facom foi atrás de respostas para algumas questões que nos rondam faz tempo. Como ficou a inclusão da cultura africana nos currículos escolares, após dez anos de vigência da lei que assegura o ensino deste conteúdo? Aparentemente, muitas coisas se mantêm iguais. Mulher joga videogame? Claro que joga! Luana Pithon, jogadora profissional e testadora de games, fala dos desafios que enfrenta como mulher num universo tão machista. Já se perguntou sobre aquelas pichações estranhas, como “Prefeito Mario e Greyse” e “Deus = você + universo”? Fomos atrás dos autores e ficamos sabendo que os motivou. Diz-se que os idosos estão gastando mais com o próprio lazer mas... será verdade? Em termos. Nestas páginas esses e outros mistérios serão revelados, por que a curiosidade é um dos motores do jornalismo. Duvidamos, logo, somos [futuros] jornalistas! Boa leitura!

Juliana Rodrigues
Comitê Editorial



Sophia Moraes



Dudu Assunção / LabFoto



Caíque Bouzas / LabFoto

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso
do curso de Jornalismo – Segunda edição, semestre 2014.2

Reitor: João Carlos Salles

Diretor da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Editores chefes: Edvan Lessa

Comitê Editorial: Juliana Rodrigues, José Cairo, Laís Andrade

Editora de fotografia: Taylla de Paula

Repórteres:

Bianca Bomfim, Carolina Carvalho, Laís Andrade,
Lara Valente, Marcelo Ricardo, Marcos Maia, Iasmin Sobral,
José Cairo, Juliete Haadi, Luana Silva, Raí Guerra, Raysa Pires,
Rebeca Bhone, Renato Cerqueira, Rosana Silva,

Taylla de Paula, Victoria Goulart

Fotógrafos:

Natácia Guimarães/LabFoto,
Bruna Castelo Branco Araújo/LabFoto,
Juan Melo/LabFoto, Caíque Bouzas/Labfoto,
Sophia Moraes/LabFoto

Projeto Gráfico: Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

Diagramação: Edson Sales/EDUFBA

Distribuição gratuita

 facebook.com/jornaldafacom

O coworking surge como alternativa atrativa para os empreendedores independentes

O modelo convencional de escritório vem sendo substituído pelo compartilhamento de espaço físico, gerando novos laços e novos negócios



Daniel Soeiro dá palestra aos coworkers da Rede+ sobre Qigong, técnica chinesa de circulação de energia

Victoria Goulart

Uma nova proposta de ambiente de trabalho surge com o conceito de compartilhamento de espaço e recursos de escritório, o Coworking (“co” de companhia, “working”, em português, trabalho). Diferentemente da sala comercial convencional, ele permite a interação entre empresas e serviços, potencializando o espírito colaborativo e favorecendo o aparecimento de ideias e projetos em grupo.

Os profissionais têm a possibilidade de dividir um ambiente de trabalho comum, uma vez que se mantém uma área individual para cada pessoa física ou empresa, mediante contrato de aluguel. Inicialmente conhecido como “9 to 5 group”, o coworking foi idealizado pelo engenheiro de software americano Brad Neuberg em 2005, quando reuniu em um apartamento três profissionais de tecnologia que estavam de portas abertas para quem procurasse um local para trabalhar, trocar conhecimentos, experiências, fazer networking e, até mesmo, conversar.

Devido a facilidade de acesso às informações, há hoje a possibilidade de trabalhar a qualquer hora e em qualquer lugar. Muitos profissionais autônomos optam pelo home office (escritório em casa), um modelo empresarial adotado por conta do aumento da terceirização dos

serviços, que é prático mas também desvantajoso, por ser isolado, permitindo que se confunda a vida profissional com os afazeres pessoais da casa.

O coworking pode ser considerado uma alternativa mais cara do que o home office, já que são cobradas taxas por locação mas, ao mesmo tempo, atrativa para os profissionais independentes que precisam de um ambiente inspirador, colaborativo, que construa relacionamentos estratégicos. Os coworkers relataram um aumento de até 70% na produtividade quando comparado ao home office. Já comparado com o aluguel de uma sala comercial, o

coworking é uma opção bem mais barata - o compartilhamento da estrutura possibilita uma economia de 60% do valor mensal da locação e gastos com mobiliário - e prática, já que o profissional fica

“Empreendedorismo é fazer diferente quando o que todo mundo faz é comum”

isento de receber contas de internet, energia, água, IPTU e condomínio.

A ideia se expandiu e hoje são mais de 2.000 coworkings espalhados pelo mundo. Segundo a Deskmag, revista online especializada em coworking, o maior crescimento no número desses espaços compartilhados está na Espanha, Japão, Reino Unido e no Brasil, com aproximadamente 126 coworkings. Estão espalhados por todos os estados, reunindo, em geral, grande quantidade de profissionais de freelancing e start-ups.

“O colaborativismo é pautado no trabalho em equipe, na atuação coletiva e na interação”

Em Salvador, já existem duas empresas especializadas em coworking, a CWK e a Rede+. A CWK nasceu da associação com um escritório de representação de móveis infantil sediado em São Paulo e ambas empresas usufruem dos benefícios do compartilhamento do local de trabalho.

Jaime Córdova, professor e proprietário da Conecta, escola de espanhol que optou por dividir seu espaço com a Rede+, conta que “houve uma vantagem financeira significativa para ambas as empresas - já que diminuiria nosso custo fixo em aproximadamente 60% e, o deles, em 50%”. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas (Sebrae), o coworking pode ser a solução para reduzir custos e fazer networking.

Para o presidente da Confederação Nacional de Jovens Empresários (CONAJE), o coworking “é um espaço predominantemente ocupado por jovens que querem gerar mais impacto econômico no mercado” porque traz a possibilidade de construção de uma rede de parceiros, agrega pessoas com serviços complementares e gera a diversificação de negócios.

Melhor idade para gastar

Idosos são os mais dispostos a gastar e os mais endividados

Marcos Maia

No início de setembro o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), associado ao portal de educação financeira “Meu Bolso Feliz”, divulgou um levantamento evidenciando que entre os idosos há mais disposição para gastar. Segundo dados, 41% dos entrevistados afirmaram gastar mais com produtos que desejam do que com itens relacionados às necessidades básicas da casa. Aproveitar a vida seria a grande prioridade de seis em cada dez entrevistados, e nesse contexto, consumir seria mais importante do que poupar.

Clotilde Torres, 68, trabalhou como professora por vinte e cinco anos. Atualmente, ela vive sozinha em um apartamento e destina sua renda mensal a saúde, alimentação, despesas fixas e lazer. Frequenta aulas de pilates e faz caminhadas para se exercitar. “No meu atual momento de vida eu tenho mais que aproveitar, e não desperdiço as oportunidades. Meu lazer favorito é viajar”, disse. Este ano ela esteve em Gramado (RS), além de Valença e Porto Seguro, no interior da Bahia. Normalmente viaja em grupo e adora conhecer as opções de lazer dos locais que visita, dentro dos limites impostos pela idade e pelo bolso. Mãe de dois filhos e avó de quatro netos, Clotilde não participa da vida financeira deles.

O levantamento do SPC constatou que pelo menos 94% da população acima dos 60 anos tem papel fundamental na vida familiar, sendo que 54% são os únicos responsáveis pelo pagamento das despesas. Nesse sentido, Clotilde é um ponto fora da curva.

Essa realidade está mais próxima de Milton Gonçalves, 74, que investe no seu próprio planejamento financeiro para não fazer despesas além do permitido. Escritão-chefe da Justiça aposentado, ele tem se dedicado a fazer “o mesmo que peixe faz”. Pratica caminhadas diárias na praia, frequenta shopping centers, mas sente-se mais feliz em sua chácara localizada em Maragojipe, no Recôncavo baiano, onde cuida de sua pequena horta.

“Encontrei um idoso que me disse: ‘Olha, dona Marise, eu já estou no 84º empréstimo’”

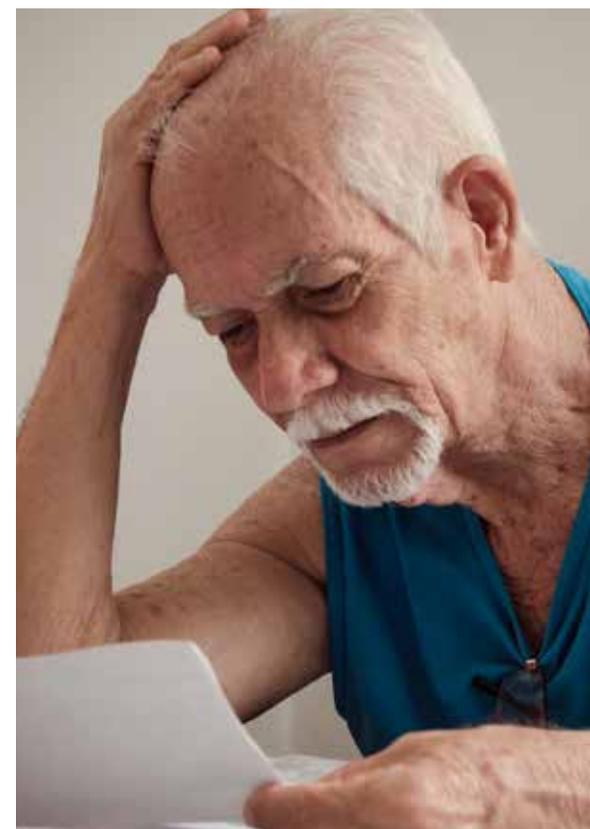
Contudo, Milton não aponta o lazer como única ou principal prioridade. Remédios, alimentação e despesas fixas abocanham uma parcela significativa de sua renda. Ele é casado e mora com os filhos, ambos na faixa dos 30 anos. A filha ficou desempregada e voltou a ser sustentada por ele. Já o rapaz ainda dá seus primeiros passos no mercado de trabalho e não ganha o suficiente para se manter sozinho. “Sei que há coisas que não posso fazer por causa da realidade financeira”, afirma.

Lazer

O lazer não é acessível à grande população idosa. “Sei que pagamos meia entrada, mas, mesmo assim, é melhor comprar um remédio que ir ao cinema”, pontua Marise Costa Sansão, presidenta da Federação das Associações de Aposentados, Pensionistas e Idosos do Estado da Bahia (FEASAPEB).

A presidenta concorda com os dados apontados pelo SPC Brasil, que mostram que sete em cada dez entrevistados recebem apenas aposentadoria do INSS ou o pagamento de pensão. Segundo ela, apenas 8 milhões, de um total de 31 milhões, ganham acima de um salário mínimo. Marise Sansão também destaca que o cálculo é feito abaixo da correção da inflação - cerca de 0,5%. Mesmo o aposentado que ganha acima do salário mínimo tem seu benefício reduzido no decorrer do tempo. “Somamos 110% de perdas acumuladas para aposentados ao longo dos governos”, aponta.

“O lazer para o idoso é muito difícil. Muitos fazem, até porque pegam empréstimo”, continua. Contudo, ela acredita que o contingente que pega empréstimo consignado deve rondar os dois terços dos aposentados que ganham um salário mínimo. “Outro dia encontrei um idoso que me disse: ‘Olha, dona Marise, eu já estou no 84º empréstimo’”, conta. À frente da associação, Marise percebe na vivência com a categoria que muitas vezes são as



Bruna Castelo Branco Araújo

necessidades de familiares que levam os aposentados à inadimplência.

Dívidas e Inadimplência

Ainda em setembro, o SPC Brasil, desta vez associado à Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), divulgou a taxa de inadimplência do mês de agosto. Os números apontaram alta significativa de devedores mais velhos, respectivamente 8,31% e 12,12% de inadimplentes nas faixas de 65 a 84 e 85 a 94 anos.

Segundo o superintendente da Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do Estado da Bahia (FCDL), órgão integrado ao sistema CNDL, Carlos Roberto Oliveira, o crédito consignado e as despesas fixas seriam os principais responsáveis pelo aumento desses números. O efeito seria comparado ao de uma bola de neve: a falta de planejamento leva o aposentado ao empréstimo consignado, que pode levar por mês cerca de até 30% de sua renda. Oliveira aponta como alternativa aos endividados a renegociação da dívida.

O INSS tem permitido às instituições que outorgam créditos consignados a ampliação do prazo de pagamentos dos empréstimos de 60 meses para 72 meses. “Prazos mais longos proporcionam que um empréstimo hipotético de dois mil reais, que tomaria duzentos reais mensais em dez meses, possa ser renegociado em vinte parcelas de cem reais. Já sobram aí cem reais para desafogar a renda”, diz Oliveira. Contudo, ele ressalta que cada caso é único e deve ser analisado com atenção para que, de fato, o trâmite seja útil ao idoso.

“Os animais são minha conexão direta com Deus”

Moradora de Jauá recolhe cães e gatos abandonados nas ruas de Salvador

Lara Valente

Normalmente, uma pessoa acharia que é loucura criar mais de 50 animais em sua casa. Eles exigem dedicação, tempo, paciência, espaço e, é claro, dinheiro. Nada disso parece ser um problema para Alice. Ela garante: “É a fé que me move”.

Alice Trombetta tem 53 anos, e há 15 ganhou o seu primeiro animal de estimação. Aliás, o seu primeiro e segundo, presentes do marido. Ele chegou em casa do trabalho com os dois cachorrinhos que foram os divisores de água na vida de Alice.

“Lembro do primeiro cachorrinho que pus no colo. Eu o amei imediatamente. Fiquei 4 horas de relógio encarando o bichinho”, ela relembra. A família de Alice nunca lhe permitiu ter um cachorro. Ela ficou só na vontade, e os anos correram... Com 37 anos e casada, finalmente realizou o sonho.

Um período turbulento instalou-se na sua vida. Ela engravidou, e o seu bebê nasceu com algumas complicações que, horas depois, lhe tiraram a vida. Alice voltou todas as suas atenções aos seus cachorrinhos. Ainda sonhava ser mãe, mas houve mais uma reviravolta do destino: seu marido teve um aneurisma e faleceu, após 5 anos de casamento. Hoje reside em Jauá, bairro no município de Camaçari, apenas na companhia dos animais. O dinheiro que ganha da aposentadoria é todo deles.

Passeando por Guarajuba, conheceu o seu terceiro animalzinho. Era uma gatinha “que parecia dizer ‘me leva pra casa, Alice!’”, ela relembra. “Eu não resisti. Minha família achou que eu fosse louca. Mas é uma coisa de amor mesmo”. E foi assim por 15 anos. Seu amor se traduz em números: são 53 animais, entre cães e gatos. E garante que nunca comprou nenhum deles, “todos tem a sua história de luta e superação”, continua: “...aqueles que estão bem necessitados, são esses que eu levo pra casa. Dou dignidade a eles”.

Sobre sua casa, diz: “Me esforço muito para mantê-la limpa”. Quem vai lá se surpreende, a rotina é bem esquematizada. “É uma creche! Divido-os em grupos, e cada um dorme num andar diferente, e tem sua hora de ‘recreio’, e sua hora de comer, de banho” ela continua: “É pesado, mas me faz feliz”.

Sua dedicação integral aos cachorros acabou afastando-a do contato com pessoas. “Sinto falta da minha vida social, mas os animais precisam de mim”. Seus passeios se resumem a supermercados e visitas ao veterinário. É evangélica; diz que os animais “são a conexão direta com Deus. Sinto-O vivo através dos meus bichinhos”. Na vizinhança, Alice é conhecida como a “Irmã Dulce dos animais”.

Apesar da falta de tempo, ela sempre dá um jeito de assistir ao Caldeirão do Huck, seu programa

“Aqueles que estão bem necessitados, são esses que eu levo pra casa. Dou dignidade a eles”



“Pra mim não é um sacrifício, é plenitude”

preferido. Entre lágrimas, compartilha comigo o seu maior desejo: ter o seu carro, um velho fusquinha, reformado no “Lata Velha”. Quer um “cachorro-móvel”, com uma pequena enfermaria dentro. Quer promover conscientização nas ruas a respeito dos cuidados com os animais e dos benefícios da adoção. Alice é uma sonhadora, e vai acreditar nos seus sonhos “até ser velhinha gagá”. Vive para os animais, e garante que faria tudo novamente. “É o meu dom, e o Espírito Santo me ilumina a cada dia, me diz que estou no caminho certo”.



Pela vizinhança, Alice é conhecida como “Irmã Dulce dos animais”.

Os muros e seus mistérios

Autores de pichações e frases curiosas dos muros de Salvador revelam os significados por trás do que escrevem

Juliana Rodrigues

Quem observa os muros, paredes e passarelas da cidade de Salvador se depara com frases, cartazes e pichações diversas. No entanto, algumas delas se repetem pela cidade, tornando-se folclóricas e inspirando questionamentos. Quem são os responsáveis por essas frases? Qual a intenção deles? O Jornal da Facom traz respostas para essas questões e apresenta as figuras por trás de três célebres frases.



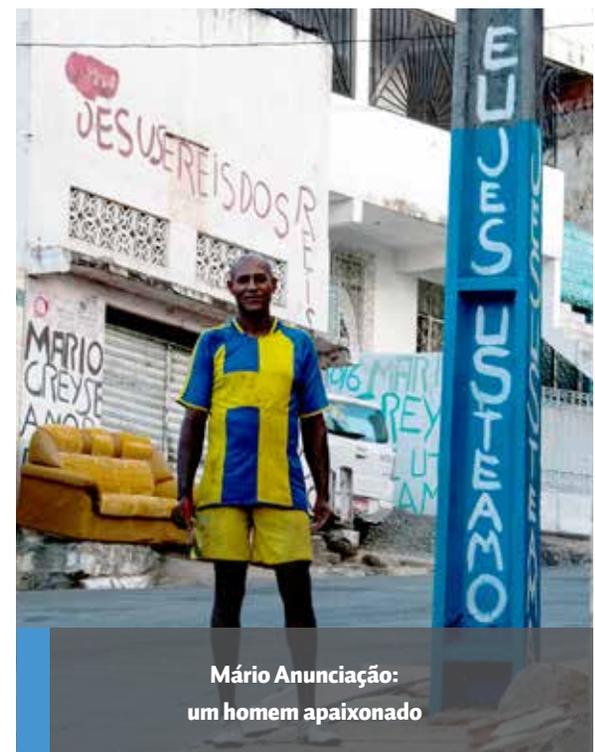
Daniel Silveira, autor de Deus = você + universo, acredita na união da humanidade

Deus = você + universo

Em meados de 2014 uma fórmula riscada com um tipo especial de piloto (conhecido como “molo-tov”) apareceu em alguns bairros de Salvador. Inicialmente vista na região de Ondina, ela se espalhou pelo centro da cidade e por bairros da periferia. “Deus = você + universo” era a fórmula em questão. O mistério sobre o autor dessa fórmula se manteve por algum tempo, até ser desvendado de forma tumultuada, em um episódio que poderia ter acabado com sua vida. Daniel Silveira, 28 anos, estudante de Ciências Sociais da UFBA, é o autor da frase, que ele chama de “Fórmula Una”.

As pessoas devem enxergar que fazem parte de um todo, de um organismo vivo. Essa é a premissa que rege a fórmula, e o principal ideal de Daniel, uma pessoa engajada, conforme ele se define. “Se enxergarmos que somos todos parte de uma coisa só, que eu chamo de Deus, podemos nos juntar em prol da humanidade”. Enquanto fala sobre seus ideais, Daniel deixa transparecer grande descontentamento com o que ele chama de “pirâmide social” que, diz, deve ser quebrada. Ele assegura que apesar de ter começado a escrever a Fórmula Una em alguns bairros, não é o responsável por todas as aparições da mesma. “A partir do momento que saiu de mim, as outras pessoas enxergaram e construíram o movimento. Eu não podia estar em Valéria, ou em Periperi, ou em Paripe, porque a Una é maior do que eu. Eu apenas criei a palavra”, comenta. Em seu perfil no Instagram, Daniel fotografa os muros marcados com a fórmula, além de registrar também outras formas de intervenção urbana.

A identidade de Daniel foi revelada após um incidente de grande repercussão ocorrido próximo à Escola Politécnica da UFBA. Após escrever a fórmula numa parede com sua caneta piloto, levou um tiro no ombro, disparado por um vigilante do campus. O episódio provocou grande polêmica, pois os vigilantes da empresa terceirizada não são autorizados a usar arma de fogo (ver mais detalhes no box). Daniel se defende e afirma que não estava pichando, pois não utilizou uma tinta em spray. Porém, a Lei Municipal nº 8.645/2014, que prevê punições para atos de vandalismo, não faz distinção em relação ao meio utilizado para a ação. Apesar de todo o transtorno, ele acredita que o ocorrido não foi ruim, pois lhe deu “mais força para lutar e destruir o sistema”. Enquanto isso, a Fórmula Una ainda se espalha pelos muros.



Mário Anuniação: um homem apaixonado

Prefeito Mario e Pastora Greyse

Quem anda pela região da Cidade Baixa se depara com as palavras “Prefeito Mario e Pastora Greyse” escritas de forma rudimentar, com tintas de diversas cores. Há pequenas variações entre uma parede e outra. Às vezes, está escrito “Prefeito Mario e Pastora Greyse 2016”, com a adição de “Deus é luz e amor”, ou até mesmo de “ti amo” (sic). Quem são essas pessoas? Por que “prefeito”? Será que tem algo a ver com uma possível candidatura de Mario Kértész em 2016.

As respostas para essas perguntas foram obtidas numa casa localizada na Liberdade. Trata-se de Mário Anuniação, 50 anos, pintor, que marcou até a própria residência e a rua onde mora com essas palavras. Vestindo um conjunto de short e camiseta nas cores amarela e azul, Mário recebeu a reportagem com simpatia e contou sua história. Ex-alcoólatra, Mário foi parar na igreja em busca da “paz que não tinha”. Após o fim de um relacionamento conturbado, ele se apaixonou pela “Pastora Greyse”, uma mulher de 26 anos que, segundo ele, se tornou pastora após sofrer alguns traumas. “Deus tá trabalhando pra gente casar. Aí, essa foi a única maneira de eu demonstrar que estou com ela. Comecei a escrever em pontos estratégicos para que ela visse”, explica ele. Para Mário, os dois são como passarinhos apaixonados, mas não se tocam quando se veem, pois ainda não é a hora: “Só depois de casar”, explica, com sua voz levemente rouca que assume um tom suave e apaixonado ao falar de sua amada.

E o “prefeito Mário” vem de onde? É simples: Deus vai ordená-lo prefeito de Salvador em 2016, para que ele cuide dos bairros carentes. “Eles trabalham muito do lado de lá. E o lado de cá é carente

de tudo. Eles colocam asfalto bom nos bairros mais ricos, e aqui colocam um asfalto inferior. Qualquer chavinha arranca tudo. Aqui você não vê uma praça com granito. Lá tem", revolta-se Mário. Ele assegura que será um prefeito diferente. "Eu estarei lá na frente, trabalhando com enxada e pá, porque eu amo essa cidade".

Mário já foi agredido pela polícia enquanto escrevia nos muros. Também diz ouvir muitas zombarias. "Ficam falando 'você não vai ser prefeito', mas faz parte, né? Porque alguns não vão a lugar algum e não querem que ninguém vá". Ele acredita que as pessoas que apagam suas pinturas nos muros se incomodam com o "amor espiritual" dele por "Greysel", e pretende continuar até chegar à prefeitura - com "Greysel" ao seu lado, como vice-prefeita.

Os vizinhos têm opiniões divergentes sobre as práticas de Mário, e desmentem algumas declarações. O sapateiro Edivaldo Quilo apoia a iniciativa, mas desaprova a forma como ele faz sua "propaganda": "Ele poderia escrever no chão, ou fazer folhetos e colar nos postes. Escrever no muro dos outros é baderna". Já o marceneiro Raimundo dos Santos conta que a pastora existe, "mas não quer nem ver a cara dele", em suas palavras. "Segundo um pastor daqui, ela nem conversa com ele. Isso é uma história que ele inventou a partir da gentileza dela", esclarece Raimundo. Coisas do amor.

Você conhece esse cidadão?

Ele está em todos os lugares: nas paredes, nas passarelas, nos edifícios e principalmente no subconsciente das pessoas. A dúvida brota assim que se lê a pergunta que acompanha seu retrato: "você conhece esse cidadão?". As especulações são diversas e vão de uma tentativa de candidatura a cargo eletivo até a possibilidade de ele ser procurado pela polícia. A verdade, porém, passa longe destas duas hipóteses. Eduardo Alves, 48 anos, é professor, músico e dono de um curso pré-vestibular. Seu objetivo com os cartazes é apenas um: provar que dá pra se tornar conhecido sem usar a mídia tradicional.

Entrevistado por telefone, Eduardo contou sua história com satisfação. "Foi uma disputa entre eu e dois amigos empresários, donos de copiadoras. Eles pensam o seguinte: uma pessoa só é conhecida se ela usar um veículo de comunicação para se expor à população. Eu quis provar que isso não é verdade", explica Eduardo. Ele propôs aos amigos que imprimissem sua foto, com a frase pensada por ele, e espalhassem nas principais vias de Salvador. Apesar de ter demorado certo tempo - em torno de oito meses, segundo ele -, a iniciativa deu certo, pois deixou a interrogação na mente das pessoas.



Eduardo Alves espalhou os cartazes buscando tornar-se conhecido sem usar a mídia

Ele já não consegue mais andar pelas ruas sem ser reconhecido. "A maioria das reações é de perplexidade, é como se eu estivesse sendo procurado".

Até com a polícia ele já arrumou encrenca: foi confundido com um criminoso. Mas Eduardo tira de letra. "Eu pergunto a eles: 'O que está escrito no cartaz? Procurado? Não. Ali está escrito 'você conhece esse cidadão?'. Você passou a conhecer agora. Prazer, meu nome é Eduardo'". Apesar desses inconvenientes, há também reações positivas, como pedidos de selfies, e reações algo mais agressivas, como quando arrancam os cartazes. Eduardo

é categórico sobre isso: "Ele pode até rasgar a gravura, mas não pode me rasgar da mente dele". Os cartazes já foram parar até mesmo no Salvador Fest, levados pelo próprio. "Entrei com a cola e os papéis dobrados. Lá dentro, estrategicamente, fui espalhan-

do", conta ele, bem-humorado.

Nos últimos meses, ao lado dos seus cartazes, surgiram outros trazendo a foto do prefeito de Salvador, ACM Neto, com os dizeres "e esse cidadão?". Perguntado sobre o assunto, Eduardo diz que esses novos cartazes não são responsabilidade sua, e que os arranca sempre que pode. "Eu admiro Neto, ele transformou essa cidade. Mas não sei qual a intenção dessas pessoas ao colar a foto dele ao lado da minha". Ao ser perguntado sobre a possibilidade de aparecer em uma foto para o jornal, Eduardo recusou. "Não, não quero. Acho que já sou muito visto por aí".

O imbróglio do tiro

No dia 11 de setembro de 2014, Daniel virou notícia nos principais jornais da cidade após ser baleado por um segurança patrimonial terceirizado, próximo à Escola Politécnica. "Na hora em que eu estava saindo da escada, ouvi um 'para!' e um tiro. Esse tiro bateu no chão, e eu saí correndo na hora que ouvi. Ele desceu as escadas e atirou no meu ombro direito. Eu pensei que ia ser morto, e eu realmente estava sendo morto naquele momento", indigna-se o estudante. O caso criou grande polêmica na comunidade acadêmica, pois os vigilantes são orientados pela UFBA a só utilizar armas de fogo em caso de defesa. O Diretório Central dos Estudantes da UFBA divulgou nota repudiando a ação do segurança. "A empresa precisa prestar explicações. Colocar uma pessoa em frente a um prédio com uma arma, dizer a ela que tem de executar segurança patrimonial, pagar um salário indigno, não oferecer capacitação adequada e torcer para que nada dê errado é um caminho curto para uma tragédia". Em entrevista ao jornal Correio*, a pró-reitora de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil, Cássia Maciel, endossou a necessidade de uma revisão do sistema de segurança. Reinaldo Conceição, o vigilante responsável, chegou a fugir logo após o ocorrido, mas se entregou à Polícia Federal e foi afastado da função. Dias depois, Conceição foi indiciado por tentativa de homicídio e está respondendo o processo em liberdade.

“

Ele pode até rasgar a gravura, mas não pode me rasgar da mente dele

”

Denegrindo os currículos estudantis

Professores e estudantes falam das deficiências da lei que assegura o ensino da cultura africana após dez anos de vigência



Sophia Moraes

Marcelo Ricardo

Ainda hoje, aos dez anos de vigência da lei 10.639/03 que assegura o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos cursos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, estudantes e professores relatam que os currículos estudantis abrigam formas de opressão racial.

Filipe Carvalho é professor de história na escola Celina Pinho, no bairro do Curuzu, Liberdade. Ele nota que os currículos estudantis não representam a diversidade cultural dos seus alunos. Na disciplina de história, por exemplo, boa parte do conteúdo programado se destina a contar a história do ponto de vista da colonização europeia, e tornou-se base fundamental para narrar a história geral e do Brasil. Para o educador, a história dos povos africanos é pouco tratada nos livros. Ignora-se o protagonismo negro nas lutas contra a escravidão e durante o período da ditadura militar.

Por isso, há resistência por parte dos alunos em falar de cultura africana, uma vez que a única referência cultural com a qual fomos educados é a europeia. “Nós negros aprendemos a nos violentar e se há uma coisa que falta no estudante negro, atualmente, é autoestima”, ressalta o docente.

Alana Araújo cursa o segundo ano do ensino médio e para ela, a história dita oficial desmerece as vivências de outros povos. Para ter acesso a ela

é preciso buscar informações em espaços alternativos, como projetos de ONGs ou cursos mais politizados. “Acho que para recuperar [nossa história], a primeira coisa é mudar completamente os livros e depois fazer uma formação melhor com os professores”, propõe a estudante.

E a lei?

Como política de reparação, em 2003, foi criada a lei 10.639 que obriga o ensino de história e culturas africanas e afro-brasileiras nos cursos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares e por ser de interesse público, a sociedade pode exigir seu cumprimento. Como observa Cleber Julião, mestre em sociologia e professor da UNEB, que pesquisa sobre violência racial, essa lei é um instrumento de reconhecimento da diversidade. “A diversidade passa por todas as áreas do conhecimento: da matemática à linguagem, pois em todas elas as diversas culturas que formaram o povo brasileiro têm a contribuir. O objetivo é fortalecer a autoestima e a cidadania de povos historicamente marginalizados”, concede o sociólogo.

Julião reforça que há alguns materiais didáticos para o atendimento da lei 10.639. Como exemplo, cita o livro “História Geral da África”, editado pela UNESCO, uma coleção de oito volumes escrito por más de 350 intelectuais, dos quais dois terços são africanos.

“Hoje contamos com uma produção bibliográfica crescente”, diz. “A implementação da política anda a passos lentos, fruto da falta de uma política pública mais ostensiva e estratégica que permita o acesso a este material de forma mais fácil, como por exemplo, com sua distribuição de forma gratuita”, acrescenta.

“É uma eterna sensação de ausência de créditos no fim do filme”

Romário Oliveira é aluno da Escola de Belas Artes da UFBA e não se identifica com o programa pedagógico de seu curso. Segundo ele, a tradição europeia é responsável pela invisibilidade que o conhecimento africano tem hoje.

O estudante conta que a grade curricular do seu curso tem baixa representação da fortuna cultural trazida pela cultura africana para a história, sobretudo a brasileira, e que essa negação é totalmente desconfortante para ele. “É uma eterna sensação de ausência de créditos no final o filme”, observa.

Assim como Romário, Maísa Emanuele, estudante universitária de uma rede privada, conta das dificuldades que tem, na faculdade, para trabalhar assuntos que envolvam a cultura afro-brasileira. Atualmente ela elabora seu trabalho de conclusão

de curso sobre a educação nos terreiros de candomblé e sua participação na formação de jovens e crianças.

Para ela é importante compreender e divulgar o papel exercido pelos terreiros no fortalecimento da cultura africana. Porém, alguns orientadores a desestimularam a abordar o assunto, alegando ter pouco material bibliográfico sobre o assunto. Mas ela não desistiu. “Eu mostrarei o quanto nós negros fomos essenciais. Precisamos propagar, levar adiante o que os nossos antepassados começaram”, pontua.

Para Cleber Julião o espaço universitário exige liberdade de ideias, desde que haya rigor teórico e metodológico, uma vez que a universidade se constitui por pluralidade. “O combustível da academia é a divergência e o questionamento”, opina.

Pedagogias da Resistência

Segundo Álamo Pimentel, pós-doutor em Sociologia do Conhecimento (Universidade de Coimbra), ex Pró-Reitor de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil na Universidade Federal da Bahia, a identificação é primordial para a formação cultural. “Quando um estudante universitário não consegue expandir qualidades intelectuais que já traz consigo, além de não se identificar com o que estuda, faz com que ele se sinta subalternizado no mundo acadêmico”, afirma o professor.

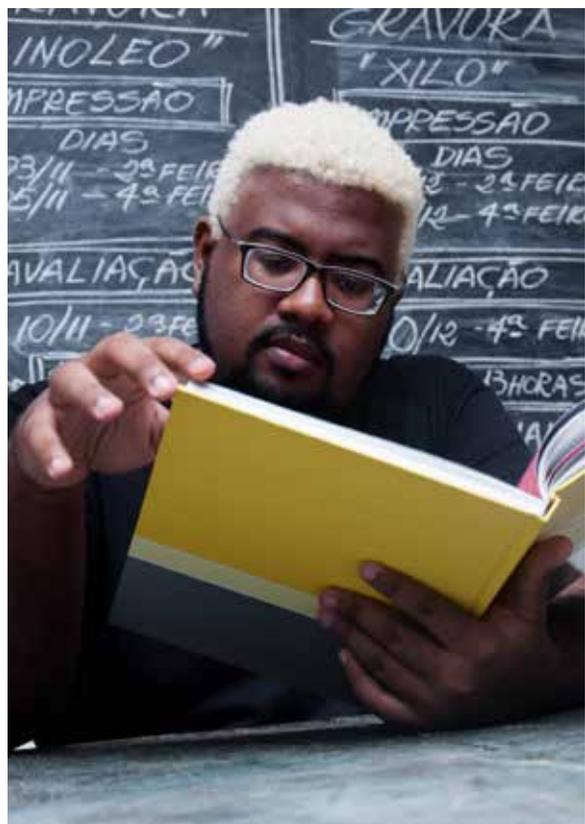
Os currículos estudantis ainda interpretam conhecimentos à luz do cientificismo europeu, o que desabilita ver o mundo por outras lentes, como o

latino-americano, asiático e africano. “Eu diria que, em parte, isto resulta de um apagamento histórico, uma espécie de esquecimento coletivo causado por pressões sociais que insistem em negar o preconceito inerente em nossas atitudes”, reforça.

Do mesmo modo que nas escolas básicas, isto também acontece na universidade, mas o grande problema não são os currículos, senão o modo pelos quais estão organizados. Ele propõe uma visão mais autocrítica de parte de quem elabora os currículos, para que se conciliem saberes acadêmicos e não acadêmicos.

“Nós negros aprendemos a nos violentar e se tem uma coisa que falta em estudante negro atualmente, é autoestima”

O verbo “denegrir” popularizou-se em seu sentido figurado como manchar a reputação ou difamar, mas, em seu sentido originário, significa obscurecer ou tornar-se negro. Outras expressões, ao longo do tempo, ganharam carga semântica depreciativa, sobretudo, em relação à população negra. Resistência é uma das palavras-chaves dos movimentos sociais de negros e negras. No mês que celebra as lutas antirracistas, colorir de negro a produção de conhecimento torna-se uma questão vital para esses estudantes.



Sophia Moraes



Sophia Moraes

Ela é a dona do jogo

Luana Pithon, 23 anos, mostra que as mulheres podem ter seu espaço no mundo gamer

Luana Silva

Luana de Oliveira Pithon tem 23 anos e está terminando o curso de Design Gráfico na Unifacs. Escolheu a carreira devido à possibilidade de relacioná-la com jogos e fazer isso profissionalmente, mesmo sabendo das dificuldades. Ela testa jogos em sua versão beta (antes de ir para o consumidor final), faz guias para auxiliar outros jogadores e pensa em criar um canal do Youtube.

Apesar da grande ascensão da área de games e do aumento do público feminino, é raro encontrar mulheres que joguem profissionalmente. Na maioria dos jogos, a representação das mulheres nos jogos é estereotipada e irreal, e as mulheres são retratadas como enfeites, geralmente seminuas e sempre disponíveis. Nos jogos online, há grande discriminação por parte dos jogadores homens. Nesta entrevista, Luana fala sobre sua experiência no universo dos games.

JF: Quando você decidiu que trabalharia com jogos profissionalmente? E o que você pretende fazer agora que está terminando a faculdade?

LP: Quando eu estava terminando a escola, não sabia direito o que eu queria fazer. Pensei em várias coisas, de medicina veterinária a cinema, de cinema a design. Aqui em casa a gente tenta achar algo que goste, para não perder o interesse, fazer as coisas por fazer ou só por dinheiro. Escolhi o curso porque posso relacioná-lo ao que realmente gosto e sinto prazer em fazer.

JF: Nos jogos online você prefere avatares (personagens) femininos ou masculinos?

LP: Femininos, sempre! Eu já sofri, óbvio, com o “vá lavar a louça”. Qual a mulher que joga e nunca sofreu isso? Ou “Eu sei que você é menino! Não tente me enganar”? De qualquer jeito as pessoas vão duvidar de você. Para mim, é melhor fazer o personagem do jeito que eu quero e criar um vínculo entre a personagem e eu, que é a verdadeira proposta do jogo.

JF: Você já foi discriminada por jogadores homens? Que tipo de coisa você escuta?

LP: No meu primeiro contato com a comunidade brasileira [de jogos] um cara me mandou a palavra “vadia” porque eu explodi um tanque dele. Em casa, no meio da sala, com a minha família do lado, quando aparece bem grande na tela escrito “vadia”. Mulher sofre bastante preconceito nos games, mas não sei dizer se é preconceito mesmo, porque eles se xingam entre si, então eles acabam achando que “tem o nome Luana mas pode ser um homem, um Luan da vida”. Lá fora [do Brasil] você vê mais equilíbrio, mas a comunidade de mulheres que joga aqui no Brasil é muito limitada, principalmente no Nordeste.

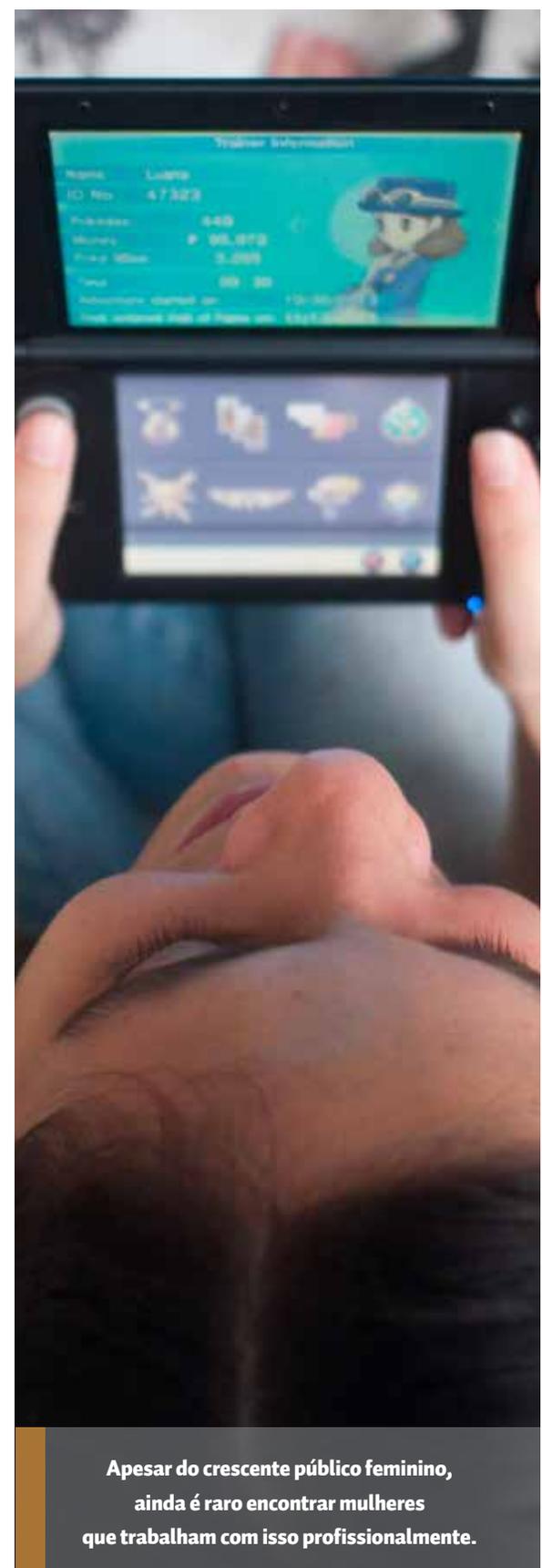
JF: A recente mudança do visual de Lara Croft, da saga Tomb Rider, representa um avanço para as mulheres que jogam?

LP: Acredito que sim. Principalmente porque muitas mulheres começaram a entrar no mercado de jogos, então a empresa tem que acabar mudando seu perfil e, conseqüentemente, transformar a Lara em real, porque como a Lara era antes não tinha como ser uma pessoa normal.

JF: Porque ainda é grande a dificuldade de se encontrar mulheres trabalhando profissionalmente com desenvolvimento de jogos?

LP: No Brasil é porque a gente não tem tanto acesso a esse tipo de educação. Quando tem, é mais regional, no Rio de Janeiro, São Paulo... No Nordeste quase não tem. Nesse caso, não quer dizer que não exista [mulher na área de jogos], é que elas não querem se iludir tentando correr atrás de uma coisa que no nosso país, no nosso estado não tem investimento.

“Quem é mulher que joga e nunca sofreu com o 'vá lavar a louça'”



Dudu Assunção / LabFoto

Apesar do crescente público feminino, ainda é raro encontrar mulheres que trabalhem com isso profissionalmente.

CrossFit, muito mais que um esporte, uma filosofia de vida

CrossFit ganha espaço em Salvador, conquistando o público como uma atividade física interessante e divertida



Luca Castro

Iasmin Sobral

Muito mais que uma nova forma de exercitar o corpo, o CrossFit é uma filosofia de vida. Unindo força e condicionamento, o esporte proporciona ampla adaptação fisiológica, ou seja, qualquer pessoa é capaz de praticar CrossFit, independente de idade ou nível físico. Criado pelos americanos Greg e Laura Glassman nos anos 2000, a modalidade otimiza as capacidades físicas, aumentando a resistência cardio-respiratória e muscular.

Com atividades que envolvem desde força e coordenação, até flexibilidade e equilíbrio, o CrossFit tem sido altamente utilizado por atletas e por academias de polícia, como a norte-americana Swat, por exemplo. Atualmente, a modalidade também tem ganhado espaço no Brasil, por conta da eficácia do treinamento e, conseqüentemente, rapidez nos resultados. “Comecei a praticar o CrossFit porque nunca gostei de academia e o convencional não me atrai. Gosto de desafios e nesse esporte é um desafio a cada dia”, revela Carla Ornelas, 24 anos, publicitária. Caio Barreira, educador físico e treinador da modalidade, revela que o CrossFit é, sim, um estilo de vida. “É onde eu me sustendo, me divirto, me supero, me fortaleço!”, conta.

Um estilo de vida inovador

Em Salvador, o esporte tem adquirido mais adeptos a cada dia. Com cerca de três “box”, apelido que os

centros de treinamento de CrossFit ganharam nos Estados Unidos, a média de interessados cresce constantemente. Caio, por exemplo, treina grupos entre 15 a 30 pessoas e dá uma média de 10 aulas por dia. “Por acreditar na eficácia de uma atividade física voltada à constante variação de exercícios, entendemos que trazer a metodologia para Salvador seria um sucesso”, explica Arivan Gomes, fisioterapeuta e sócio de um “box” CrossFit.

Quando praticado de forma correta, os benefícios do CrossFit são inúmeros, e podem ser visto em poucas semanas de treinamento. “Por se tratar de movimentos funcionais, o ganho de estabilidade articular e o equilíbrio são notórios e, conseqüentemente, previnem lesões. A alta intensidade e intermitência dos exercícios aceleram o condicionamento físico e tornam muito mais rápidos os resultados estéticos, como perda de peso”, revela o fisioterapeuta.

Mas, por ser uma atividade aberta a todo tipo de público, é importante que haja um cuidado ao fazer os exercícios, a fim de evitar lesões. Arivan ressalta também a importância de não praticar CrossFit sem o devido acompanhamento. “Como qualquer atividade física, se realizada sem acompanhamento ou por maus profissionais, certamente exercícios mal executados podem machucar e causar acidentes, com os pesos livres, por exemplo”, enfatiza.

“Não existe malefício quando fazemos o que o “coach” [treinador] ensina de forma correta. A dor existe porque trabalhamos músculos que não são ativados na academia, por exemplo. Mas até a dor é satisfatória, você percebe que fez de forma correta e está vendo o resultado disso”, revela Carla Ornelas. Já Marcela Salinas, 22 anos, estudante de direito e praticante de CrossFit há três meses revela que “no início sentia dores por estar totalmente sedentária e com corpo desacostumado a praticar atividade física”. Mas, com o treinamento e reeducação alimentar, “vejo a evolução no meu corpo a cada dia. Me sinto mais disposta e com maior definição muscular”, conta a estudante.

O CrossFit está firmando seu espaço e promete crescer no mercado. “A característica que mais admiro aqui é a inclusão. Ou seja, qualquer perfil físico, desde a criança ao idoso, portadores de algumas lesões ortopédicas ou não, podem participar e usufruir do CrossFit. Temos nos assustado com a procura, e ficamos felizes com todos os elogios que viemos recebendo”, comemora Arivan. Em relação aos valores, Caio Barreira acredita que os custos relativamente altos sejam resultado de toda a estrutura. “Sendo uma atividade nova, diferenciada, existe necessidade de acompanhamento de

Exercícios do CrossFit envolvem desde força, coordenação e precisão, até flexibilidade, velocidade e equilíbrio

profissionais capacitados e como os materiais são mais caros, o valor do curso sobe um pouco mais”, explica.

O CrossFit pode ser muito benéfico, tanto para o corpo quanto para a alma; e só tem uma exigência: os exames médicos precisam estar em dia, pois o esforço físico será grande. Com determinação e foco, todos podem conseguir. “Eu digo sempre, o CrossFit é para todos, mas não é para qualquer um”, brinca Arivan.

Abelhas sofrem por falta de habitat

Soteropolitanos foram atacados em suas residências por enxames de abelhas

Bianca Bomfim

André Nogueira, produtor audiovisual, teve sua casa ocupada por cerca de 400 abelhas, que mataram seus quatro cachorros, deixando mais de 20 picadas em seu corpo, além de ter atacado sua tia de 74 anos, no bairro de Campo Grande. “Foi horrível”, lembra ele. O menino de 13 anos foi morto na orla da Ribeira, na Cidade Baixa após sofrer um ataque de um enxame de abelhas. A cada semana, três famílias de Salvador sofrem com invasão de abelhas nas suas casas.

Apesar de terem diminuído a quantidade de espécies em todo o mundo foram registrados nos últimos anos em Salvador e região metropolitana algumas dezenas de casos de enxames de abelhas que ocuparam locais urbanos de convivência.

Leusay Oliveira enfrentou mais de uma vez a questão de ter um enxame próximo de sua casa, em Villas do Atlântico. “Na primeira vez liguei pra os bombeiros, não atenderam, então fui pessoalmente lá. Me disseram que não era responsabilidade deles, que eu ligasse para a Coppa [Companhia de Policiamento e Proteção Ambiental]. Liguei, mas eles também não quiseram se responsabilizar”, relata. Ela acabou contratando uma empresa particular para retirar o enxame.

Entre 2012 e 2013 Bahia registrou uma perda de entre 60 e 80% de todos os enxames localizados no semiárido por causa da estiagem prolongada, segundo aponta Pedro Constan, membro da Associação de Apicultura do Vale do Capão.

Rejane Peixoto, pesquisadora da UFBA, explica que a especulação imobiliária e o desmatamento que tem acontecido em Salvador, acabam provocando essa ocupação cada vez mais comum das abelhas no centro urbano. “Não é culpa da abelha a especulação imobiliária que leva ao desalojamento do seu habitat natural”, ressalta Rejane.

A maioria das pessoas que passa por essa situação, acaba tentando entrar em contato com órgãos do governo, como o IBAMA, Corpo de bombeiros e Coppa mas na quase totalidade dos casos



As abelhas são essenciais para a vida humana

eles se isentam da responsabilidade. A Coppa realizava o serviço até o começo deste ano, mas perguntados sobre isso, publicaram apenas uma nota dizendo que “o serviço de retirada de abelhas não é atribuição legal” do órgão, “assim como também não é competência do Corpo de Bombeiros”. Além disso, explicam que atendem essas demandas em

“solidariedade à população devido a existência de lacuna no referido atendimento na cidade”. O órgão diz que é facultativo a atuação deles nesses casos, a pesar de existir norma do IBAMA (a instrução normativa nº 141, de 2006) que indica que “são espécies pas-

síveis de controle por órgãos de governo da Saúde, da Agricultura e do Meio Ambiente, artrópodes nocivos: abelhas, cupins...”. Mas de fato, nenhuma instância governamental assume explicitamente esse tipo de serviço. O Promotor Público Heron Gordilho observa que no caso dos enxames ocuparem uma propriedade particular “o proprietário deve contratar uma empresa para fazer o serviço”.

“Nenhum órgão que eu ligue queis se responsabilizar.”, afirma Leusay.

Constan orienta que a pessoa que tem sua casa ocupada por enxames podem chamar a Febamel - Federação Baiana de Apicultura e Meliponicultura mas que o serviço, principalmente em área urbana, é cobrado. Além da Febamel, a outra opção viável e efetiva para quem enfrenta situações semelhantes as citadas, é recorrer a empresas particulares. Sérgio Carmo, apicultor desde 1998 e empreendedor de um serviço particular de apreensão de enxames salienta os enxames podem se alojar em um pneu que esta no chão como também em uma saída de ventilação de uma torre de refrigeração a mais de 20 metros de altura, observa.

A polinização, processo executado com ajuda das abelhas, é vital para as plantas e seres humanos, sendo imprescindível para a manutenção da biodiversidade. “Sem polinização as plantas não seriam capazes de se reproduzir. Consequentemente, as plantas cultivadas também não seriam capazes de produzir frutos e sementes, pondo em risco a segurança alimentar de todo o mundo”, explica Fabiana Oliveira, pesquisadora do LABEA (Laboratório de Biologia e Ecologia das Abelhas). “73% das espécies cultivadas no mundo são polinizadas por abelhas” completa.

Em 2006 houve uma grande mobilização mundial em prol das abelhas, com a campanha mundial “Bee or not Be”, uma vez que em lugares da América do Norte (principalmente EUA e Canadá) o número de colônias reduziu cerca de 60%. Em 2012 e 2013 o Departamento de Agricultura dos EUA divulgou a morte de um terço das abelhas. Esses dados revelaram a Síndrome do Colapso das Colônias (Colony Collapse Disorder - CCD) que afeta o sistema nervoso delas, prejudicando a memória e o senso de direção, fazendo com que ao saírem das colmeias não consigam retornar.

Sem lenço e sem documento

Sem formação acadêmica na área, pessoas se engajam na realização de projetos culturais



Renato Cerqueira

Por trás de todo bom evento cultural existem pessoas que idealizam, produzem e correm atrás de todos os pequenos detalhes, pessoas que dedicam tempo e estudo para aprender a realizar uma boa produção. Mas aquela sua vizinha que todo ano faz a festa junina no bairro, ou aquele senhor que organiza o Natal na sua rua, como eles conseguem realizar esses eventos?

Os produtores populares estão em todos os lugares, seja na organização de um bingo beneficente ou em aniversários. Em Salvador existem milhares deles; fazendo um tour pela cidade nos finais de semana você vai se deparar com muitas dessas iniciativas.

Muito conhecido no bairro da Boa Viagem, Paulo José Silva, o Tio José, 57 anos, realiza anualmente produções importantes para a região. São quatro eventos organizados por ele: o Sábado que lê, o Dia das Crianças, São João e as festas de fim de ano, Natal e Réveillon. Ele conta que as pessoas cobram dele novidades e que a vizinhança o ajuda de forma espontânea. “Sempre aparecem pessoas querendo ajudar, mas não é nada muito caro. Uma vez tentei pedir ajuda a políticos, mas eles só aparecem em momentos de eleição”, diz.

No Lobato, Analice Bahiana, 48 anos, formada em enfermagem, é responsável por todas as comemorações locais. Quituteira de mão cheia, antes era responsável apenas pela comida, mas resolveu tomar a frente e revitalizar a diversão do bairro, como ela mesma define. Ela diz que está sempre com ideias novas, mas não tem capital para colocá-las em prática. “Aqui não sou sozinha, mas as pessoas que ajudam, eu conto com dedos”, e não passam de 10, ela diz.

Ivaneide Félix, 59 anos, moradora de São Caetano, é realizadora de diversas comemorações

no bairro. Ela não possui formação acadêmica, mas é chamada para ajudar até em aniversários dos moradores do bairro. “Tudo isso começou em 2005, foi um dia das crianças e não aconteceu nada aqui, fiquei muito triste. No ano seguinte, comecei a organizar as coisas em janeiro, teve de tudo um pouco, Lavagem do Bonfim até o Ano Novo”, conta.

Aline Cléa, 36 anos, formada em Pedagogia, é projetista e ministrante da Oficina de Produção Cultural da Pracatum, organização sem fins lucrativos que realiza programas educacionais, culturais e de desenvolvimento comunitário no Candeal. Ela começou com pequenas produções em seu bairro, Cabula, e logo se apaixonou pela área. Aline já trabalhava com artes, mas foi em 2001 que começou a realizar eventos maiores. Hoje, 13 anos depois, ela também é sócia de uma empresa de produção cultural de Salvador. Entre as dificuldades encontradas, ela diz que a falta de investimento e reconhecimento são as piores. “O setor precisa de uma grande injeção financeira para atender a enorme demanda de artistas”, explica.

Aline entrou na produção cultural por amor à arte, sem ter realizado nenhum tipo de curso, e tudo o que sabe foi “colocando a mão na massa”. Depois de uns anos de prática ela realizou algumas oficinas de formação que lhe permitiriam, dentre outras coisas, captar recursos e escrever projetos para participar em editais públicos da área. Contudo, grande parte do que aprendeu foi através da prática.

Ao ser questionada se ela considera ser um 'caso de sucesso', a mesma diz acreditar que sua trajetória pode servir de estímulo a outras pessoas. Mas a maior realização dela é poder ver seus projetos saírem do papel e ser reconhecida pelo seu trabalho.

Todos eles têm um saber adquirido na prática e, com certeza, nenhum deles conhece o curso de

Produção Cultural que, em Salvador, é ministrado na UFBA. O curso busca formar profissionais capacitados, capazes de atuar no campo cultural de maneira profissional. O produtor cultural é capaz de organizar e gerenciar eventos, mostras e apresentações em todos os âmbitos culturais, além de estar apto a angariar recursos e investimentos para o setor, seja no segmento público ou privado.

A formação acadêmica nesta área é muito recente. O primeiro curso de graduação em Produção Cultural foi aberto em 1995, no Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense, UFF. Na Bahia, o curso já tem 18 anos e é oferecido pela Universidade Federal da Bahia. Com duração de, no mínimo, oito semestres, o estudante de produção cultural agrega insumos teóricos e práticos para realização de eventos, entre eles, elaboração de projetos, políticas públicas, gestão cultural e análises de públicos e mercados. Anualmente a UFBA oferece 60 vagas para o curso de Produção em Comunicação e Cultura.

Uma das áreas econômicas de maior desenvolvimento no mundo contemporâneo é a cultura. Desde o surgimento da produção cultural como um campo profissional, políticas públicas de cultura são ampliadas para tentar suprir as demandas.. Na Bahia, desde o início de 2011, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia iniciou uma revisão dos procedimentos de apoio a projetos através de diversos mecanismos, tais como o Fazcultura, o Fundo de Cultura, o Núcleo TCA, e o Calendário de Apoios da FUNCEB, com o objetivo de aprimorar seus instrumentos e mecanismos de gestão. A criação do edital para Projetos Calendarizados segue esta mesma lógica de simplificação de trâmites. Todos os anos, a Secretaria apóia cerca de 20 projetos que acontecem regularmente, em datas mais ou menos fixas. Muitos deles são festivais e mostras temáticas, já reconhecidos e consolidados.

Festival reúne arte e música latino-americana

Festival Latitudes Latinas aproxima o público baiano das artes dos países latino-americanos



Artistas latino-americanos participaram da 2ª edição do Festival Latitudes Latinas em Salvador

Rosana Silva

A segunda edição do Festival Latitudes Latinas firmou o propósito de aproximar o Brasil das artes produzidas no continente latino-americano. Com o tema “O país tropical e a América Platina”, entre os dias 24 de Outubro e 1º de Novembro, o evento trouxe novos modos de olhar para nosso continente.

Para Carlos Bonfim, curador do Festival e coordenador do projeto de extensão com o mesmo nome, sediado na UFBA, as múltiplas linguagens apresentadas trouxeram possibilidades de provocar o público e instigar descobertas. “Ao expor o público (e também os artistas) a estes encontros, buscamos, por um lado, promover um exercício de sensibilização estética e humana e, por outro, fomentar uma curiosidade pelo que vem acontecendo aqui em nosso entorno e que, por diversas razões, desconhecemos”, explica Carlos.

Saraus com poetas, exibição de filmes, oficinas, lançamento de livro e apresentações musicais marcaram a programação do Festival. Artistas de diferentes países do continente se apresentaram no evento, como Livia Mattos, Cascadura e Dão (Bahia), Richard Serraria (Rio Grande do Sul), Martín Buscaglia e Ana Prada (Uruguai), Florentino (Argentina) e Pedro Martínez Trio (Paraguai).

Música para pensar

A influência do espaço geográfico no modo de fazer música foi o destaque do primeiro dia, durante o bate papo sobre “Música de lugares e música em lugares”, com Ana Prada, Richard Serraria, Livia Mattos e Pedro Martínez.

A relação entre a paisagem e o espaço geográfico destaca-se no trabalho de um grupo de cancionistas que atuam na região platina. Assim, as noções de templatismo e estética do frio foram trazidas à conversa. Na opinião da cantora e compositora uruguaia Ana Prada, o templatismo é um modo de reunir características comuns da música de alguns artistas do Uruguai, da Argentina e do Brasil. Ela citou alguns desses atributos, como a construção de melodias simples e sensíveis, o tom melancólico, o clima e a diversidade de estilos. “Existe uma total liberdade de criação, isso é o que enriquece”. Ela comentou que os brasileiros têm começado a olhar à produção musical dos países vizinhos, mas é necessário avançar nessas aproximações.

A partir da proposta de uma “estética do frio”, de Vitor Ramil, o cantor, compositor e percussionista rio-grandense Richard Serraria disse que concorda com a ideia de que a música feita no Rio Grande do Sul não está à margem da cultura brasileira, uruguaia e argentina, pois existe nesse espaço um centro de confluência cultural e artística entre os países. Serraria ressaltou que se identifica com a ideia de Ramil de aproximar

“

Quando construo meus discos e subo no palco, trago a presença negra no estado Rio Grande do Sul

”

a música do sul do país à tropicalidade da música brasileira. “Essa aproximação eu relaciono à pesquisa que faço com os tambores”. A pesquisa com os ritmos da cultura negra tem um sentido político, pois afirma a presença do povo negro na cultura riograndense. “Quando eu construo meus discos e subo no palco, trago a presença negra ao Rio Grande do Sul”, afirma.

O músico Pedro Martínez contou que seu trabalho tem mostrado a história atual do Paraguai. “Hoje cantar uma polca falando de uma morena de tranças com flores no cabelo, como na época de ouro dos compositores [paraguaios], nos anos 50, não faz mais sentido”. O músico falou que a imagem do Paraguai como um país rural se tornou um estereótipo que invisibiliza a atual realidade. “Quem somos hoje? De onde viemos e para onde vamos? É o que temos que pensar hoje no Paraguai”, frisou o músico.

O circo foi a primeira experiência artística da sanfoneira baiana Livia Mattos, que a influenciou na sua escolha pela música. Livia contou que o circo em que participava além das tradicionais valsas, polcas e música cigana, o repertório contemplava a música afro-baiana, atabaques e percussão. A sanfoneira disse que seu trabalho transita entre o universo circense e nordestino, e mantém uma relação “com o mar e a falta do mar”.

Nos shows, o público pode conhecer histórias e ritmos populares dos países vizinhos, como a guarânia, a polca, o candombe e a milonga, dentre outros.

O projeto de extensão Latitudes Latinas produz um programa de rádio na Educadora FM, da Bahia, e na rádio Educativa FM de Maceió, Alagoas, que também se difunde na web (no site www.latitudeslatinas.com). Conta também com um grupo de estudos e ciclos de encontros sobre arte e cultura latino-americana.

Mulheres ocupando a mídia

Jornalistas, pesquisadoras e militantes debatem a representação das mulheres nos meios de comunicação

Juliana Rodrigues

Há quem veja a música sertaneja e as novelas ambientadas em fazendas como legítimas representações da cultura do campo. Há quem pense que o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas é impossível por falta de material adequado. Eis aí duas falácias desconstruídas por Ana Chã, integrante do Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e Fernanda Felisberto, pesquisadora carioca, na mesa “Mulher, Cultura e Comunicação” do Seminário Nacional Mulher e Cultura. O debate também teve a presença das jornalistas Angélica Basthi, membro da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial do Rio de Janeiro e coordenadora do Prêmio Nacional Jornalista Abdias Nascimento, e Juliana Nunes, da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

A mesa teve a mediação da professora e pesquisadora Linda Rubim, que frisou a importância de debates como este para a questão feminina nos dias de hoje: "Pautar a mulher é um ato político, assim como pautar todos os segmentos sociais que estão à margem". Angélica Basthi abriu o debate, falando das representações estereotipadas da mulher - em especial, da mulher negra - nos meios de comunicação, que mesclam sexismo, racismo e etnocentrismo. "A população branca sempre é vista com valores e imagens de poder, imagens positivas, enquanto a população negra é vista de forma contrária. Somos identificados como preguiçosos, burros, feios, violentos, marginais e inferiores", enfatizou Angélica, acrescentando que existem os estereótipos supostamente positivos, porém limitadores, como a ideia do negro como forte, resistente a dor e bom no esporte e no sexo. A jornalista destacou o papel e a importância dos meios de comunicação em não disseminar essas imagens, a fim de contribuir com a reprodução desses estereótipos. "A mídia não manipula ninguém diretamente, mas pauta o que a gente diz" explica.

Luta por espaço

Ana Chã, integrante do MST, trouxe à luz a invisibilização, na imprensa, da mulher camponesa e

da mulher líder de movimentos sociais. "A grande mídia não fala sobre nós. Enquanto eles podem, nos invisibilizam. Quando aparecemos é como baderneiras, sujas, loucas, libertinas e assim ficamos estigmatizadas de várias formas. A grande mídia nos apresenta, mas não nos representa", afirmou Ana, ressaltando que a chamada "cultura do campo", representada por artistas sertanejos e novelas rurais, é, na verdade, uma cultura dos "senhores", e não dos trabalhadores. Segundo ela, é necessário que os integrantes de movimentos como o MST tenham o poder de contar suas próprias histórias. Daí a importância da produção de conteúdo audiovisual próprio, área na qual ela trabalha.

Situando a discussão no mercado editorial de livros, Fernanda Felisberto pôs em pauta a invisibilidade da mulher negra também nesse campo. Como dona de livraria e pesquisadora de literatura negra, ela espantou-se ao notar que as editoras não se dedicam à literatura produzida por elas, assim como as próprias livrarias não se preocupam em oferecê-la. "Em termos de livrarias especializadas, oficialmente, só temos quatro livrarias sobre a temática afro-brasileira", afirmou Fernanda. Ela acredita que essa dificuldade de acesso à literatura afro-brasileira dificulta a efetiva implantação de iniciativas como a Lei 10.639/03, que garante o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas. "Eles alegam que não existe bibliografia. Existe sim, o problema é: como distribuir?", questionou.

Juliana Nunes foi a última a falar. Ela listou mulheres negras que conseguiram espaço nos meios

de comunicação ao longo dos anos, não sem certa dificuldade, e ressaltou que há, hoje, uma articulação entre emissoras públicas para a inclusão da mulher negra na produção televisiva. "Há um esforço sendo feito na comunicação pública pra trazer a temática e as vozes das mulheres negras. Desde trabalhos como o 'Nação Palmares' [web-documentário sobre mulheres quilombolas], que a gente produziu, passando por várias produções sobre mulheres negras empreendedoras, sobre os impactos da Copa do Mundo nas comunidades negras, entre outros temas", explica Juliana. Além de participar dessa articulação para produção de conteúdo, a EBC, emissora estatal na qual Juliana trabalha, tem medidas de inclusão de pessoas

negras também no jornalismo, como fontes e como produtoras de pautas.

O Seminário Nacional Mulher e Cultura foi realizado pela Fundação Pedro Calmon, em parceria com o Ministério da Cultura, o Núcleo de Estudos

Interdisciplinares sobre a Mulher, a Universidade Federal da Bahia, a Secretaria de Políticas para as Mulheres, entre outros órgãos. Além dos debates, ocorreram também rodas de diálogo e apresentações de dança, música e teatro, feitas por mulheres. Realizado entre os dias 28 e 31 de outubro, o evento recebeu mulheres de todo o Brasil, ávidas por debater, ampliar seus conhecimentos e compartilhar suas experiências.

“A mídia não manipula ninguém diretamente, mas pauta o que a gente diz”



Divulgação/Fundação Pedro Calmon

Cacique Encantado

Preparado para assumir o cacicado desde pequeno, Babau é um dos mais importantes líderes indígenas do Brasil



Carolina Carvalho

Carolina Carvalho

Rosivaldo Ferreira da Silva, esse é o nome de registro do Cacique Babau, líder da Aldeia Serra do Padeiro localizada no município de Buerarema, Bahia. Aos 40 anos, de riso fácil e muito bem articulado, o Cacique Babau lidera - desde o ano 2000 - a organização de sua tribo pela luta do direito a terra e hoje é uma das principais lideranças indígenas do país.

Babau era ainda pequeno quando foi o escolhido pelos mensageiros espirituais indígenas, os “Encantados”, para ocupar o cacicado dos tupinambás de Serra do Padeiro. Sempre acompanhou os mais velhos e por isso conhece a história do seu povo ao pé da letra. Aos 8 anos, três dias antes da morte do seu avô, que era pajé, um Encantado convocou a uma reunião de família e anunciou que Babau e seus outros dois irmãos deviam estudar em “escola de branco”. A mensagem foi acatada. Após começar a estudar, o Cacique teve que sair de sua terra de origem pela dificuldade de transporte entre a aldeia e a cidade. Mais tarde, foi morar em Cabralia, mas voltava à aldeia duas vezes por mês. Ali aprendeu tudo que os brancos poderiam lhe ensinar até que no ano 2000 retornou à aldeia com documentos comprobatórios da posse da terra por parte do seu povo. Foi quando se iniciou a luta pelo direito a terra. Desde 2004, Babau coordenou



Carolina Carvalho

21 retomadas de terras que já foram reconhecidas como pertencentes ao seu povo pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e conseguiu organizar os cerca de 1200 índios em torno de um modo de produção agrícola comunitário e sustentável. O Cacique passou a sofrer perseguições políticas, processos de criminalização, difamação, ameaças e diversas tentativas de assassinato. Em 2010 Babau foi preso e permaneceu cinco meses encarcerado, parte dos quais, em um presídio de segurança máxima. Considerado um perseguido político, conseguiu ser inserido no Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos (PPDDH) para proteger a sua integridade física. Quatro anos após sua primeira prisão, o Cacique Babau sofre, em 2014, mais uma tentativa de criminalização. Após receber convite do Papa Francisco para ir a missa de canonização do Padre José Anchieta, onde seriam denunciadas as violações aos direitos indígenas no Brasil, a Polícia Federal de Ilhéus requereu que seu passaporte fosse suspenso e recolhido devido a existência de um mandato de prisão, impedindo o líder indígena de viajar ao Vaticano. Foi preso e, cinco dias depois, uma decisão do Supremo Tribunal de Justiça determinou sua libertação.

Nesse breve período na cadeia Babau não comia a comida do presídio. Tinha receios de que estivesse envenenada. Motivos não lhe faltavam; apenas alimentou-se com o que a equipe técnica do Programa de Proteção lhe alcançava. O bolo de limão, seu quitute predileto, era o que lhe dava algum consolo nesses tristes dias.

Entretanto, nada parece diminuir a vontade do Cacique de lutar pela demarcação de suas terras e pelos direitos dos povos indígenas. O tupinambá considera as terras da Serra do Padeiro como território sagrado, o mais próximo do seu deus Tupã. Está convicto de que um sorriso pode desarmar qualquer soldado. Porém, as três cicatrizes que atravessam seu corpo demonstram que nem sempre a luta acontece de maneira pacífica. Ele é uma prova viva disso.